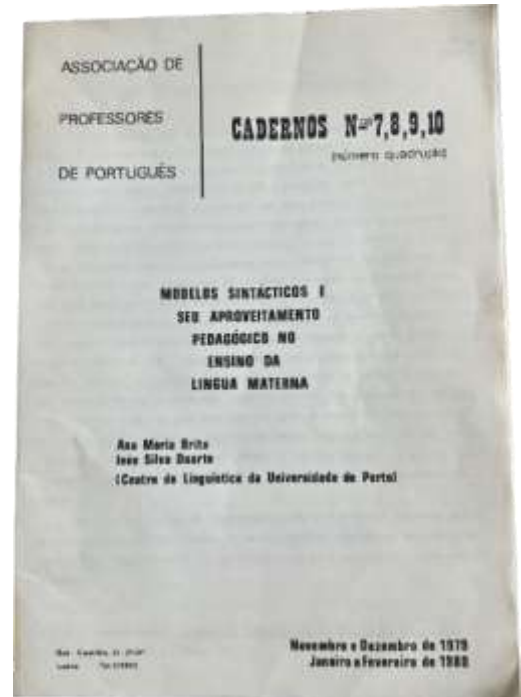


Revisitar o Passado em *Palavras*Algumas reflexões sobre o ensino do português<sup>1</sup>

Fernanda Irene Fonseca

Depois de uma fase em que foi relegado para um segundo plano, volta a estar na ordem do dia o problema do ensino da gramática. É este, sem dúvida, o âmbito em que mais se faz sentir o reflexo da crescente sensibilização dos professores à Linguística e daí a nossa obrigação de intervir como linguistas. Cumpre, no entanto, afirmar, desde o início, a nossa convicção de que o contributo da Linguística para o ensino da língua materna transcende em muito esse âmbito restrito a que há tendência a limitá-lo. Há outros aspetos a considerar nesse contributo que reputamos muito mais fundamentais e para que já chamámos a atenção noutros momentos<sup>2</sup>. Isso não significa, no entanto, negar a importância do ensino da gramática e a necessidade de dar apoio aos colegas que se deparam com dificuldades, contradições e querelas quando pretendem relançá-lo sob formas mais atuais e válidas. Foi a consciência desta necessidade que nos moveu (juntamente com outros colegas do Centro de Linguística do Porto) à organização deste (e de outros próximos) cadernos da APP. Não pretendemos, ao fazê-lo, resolver todos os problemas que o ensino da gramática levanta. Nem isso estaria ao nosso alcance. Tentaremos apenas lançar alguns tópicos de reflexão e contribuir para desfazer certas “ideias feitas” (e outras, igualmente erradas, que ameaçam começar a estabelecer-se) sobre o ensino da gramática.



Dentro deste âmbito de intervenção procura o presente trabalho perspetivar algumas possibilidades de aproveitamento pedagógico de modelos sintáticos ultimamente muito (e por vezes muito mal) utilizados no ensino da gramática.

Para além da informação que fornece aos professores sobre aspetos básicos do modelo distribucionalista e de alguns modelos transformacionais, cremos ser importante sublinhar, como um dos pontos mais positivos do contributo das autoras deste trabalho, o tornar patente que aquilo que presentemente se rotula, na aplicação à didática, como Gramática Generativo-Transformacional (CGT) tem pouco a ver com a CGT, limitando-se a ser uma mistura atabalhoada de vários modelos (de cuja individualidade e complementaridade não se tem consciência) sob a égide de certos procedimentos que se tomam, por si só, como parte essencial e identificadora da CGT.

Só um conhecimento correto – ainda que não necessariamente muito aprofundado – dos vários modelos na sua individualidade poderá levar a um reconhecimento da especificidade e complexidade de cada um deles, o que por sua vez será condição de uma aplicação correta quer sob o ponto de vista científico quer sob o ponto de vista pedagógico. Uma aplicação que não incorra no erro pedagógico de transpor para a aula de Português

<sup>1</sup> Cadernos APP - CADERNO N.ºs 7, 8, 9 e 10 - 1980

<sup>2</sup> Cf., nomeadamente, Fonseca, J. & Fonseca, F. I. (1977). *Pragmática Linguística e Ensino do Português*. Coimbra, Alameda.

as teorias linguísticas tal e qual, nem tão pouco no erro científico de as simplificar abusivamente, reduzindo-as a aspetos superficiais, deturpando-as e desrespeitando totalmente a sua coerência interna.

Sem uma consciência destes problemas, todo o esforço (tão importante e positivo) de renovação do ensino da gramática acaba por esgotar-se numa superficial mudança de terminologias acompanhada de uma vazia e inútil “querela dos antigos e dos modernos”. Tanto mais vazia e inútil quanto é certo que não se baseia sequer numa consciência clara daquilo que se defende e daquilo que se recusa: defende-se como “moderna” uma visão heterogénea, superficial, deturpada e incompleta de franjas dos modelos mais recentes, opondo-a ao que se costuma chamar “modelo tradicional” que tão pouco pode ser visto como um todo homogéneo, já que representa um resultado da estratificação de diferentes modelos, subjacentes às conceções de gramática de há vários séculos.

Não queremos, com isto, minorar a urgência de uma renovação nem a importância de uma discussão sobre os modelos teóricos a utilizar. Mas essa discussão pode levar a posições erradas quando vem acompanhada de uma atitude de aceitação apriorística de que um desses modelos é “o melhor” logo suscetível de ser transformado pedagogicamente no “mais recomendável”, quando não mesmo no “único”. Em pedagogia da língua não pode haver modelos únicos nem muito menos partidarismos ou exclusivismos a esse respeito. Esta afirmação não é contraditória com o que defendemos atrás sobre a necessidade de respeitar a individualidade e a coerência interna de cada modelo; ela vem, pelo contrário, corroborar essa necessidade: combinar vários modelos teóricos na didática da língua é uma coisa muito diferente de fazer confusão entre modelos teóricos distintos. Se a confusão é de verberar pois é um índice de desconhecimento ou de assimilação superficial, a necessidade de combinação é de assumir, desde que pressuponha uma consciência da complementaridade entre os vários modelos na sua utilização pedagógica. À opinião (marcada por um purismo talvez demasiado rigorista, embora justificável teoricamente) de que não se devem combinar diferentes modelos no ensino da gramática, nós contrapomos que, muito pelo contrário, é preciso assumir que se combinam, mas sabendo com clareza o quê, como, porquê e quando se está a combinar.

Não nos move a tentação de alinhar na defesa de um ecletismo comodista e estéril, mas parece-nos ser de adotar um ecletismo realista, fundado, por um lado, na consciência da impossibilidade de explicar, através de um só modelo, todos os aspetos do funcionamento da linguagem e, por outro lado, no reconhecer do caráter específico da atividade pedagógica que tem imperativos diferentes dos da investigação teórica.

É facto sobejamente sabido que uma teoria privilegia sempre, para validar as suas hipóteses, os aspetos do funcionamento de uma língua que melhor se prestam à sua aplicação; daí que encontremos sistematicamente, em cada teoria, alguns factos muito aprofundados e outros deixados deliberadamente na sombra. Ora em pedagogia é imperioso um tratamento equilibrado dos vários aspetos da língua o que exclui, a priori, quer o aprofundamento unilateral de uns, quer o abandono puro e simples de outros. Compete ao professor (e antes dele aos autores dos programas) enquadrar o tratamento dos vários factos linguísticos na teoria que mais cabalmente (ou de forma mais adequada ao nível em questão) os explica. E aqui voltamos ao princípio: essa atitude implica que seja preciso conhecer os vários modelos que a teoria linguística propõe, para poder ir buscar a cada um deles o que apareça como mais relevante e mais útil: conhecê-los para os poder combinar sem os confundir; conhecê-los não com a intenção de adquirir um saber especializado ou erudito mas antes com o intuito de constituir para si próprio uma bagagem de reflexão. É a capacidade de reflexão sobre a linguagem (capacidade que pressupõe, para se exercer, a aquisição de um instrumental teórico) o que se nos afigura essencial como base de atuação do professor de língua materna, mormente quando deseja iniciar os alunos numa atividade metalinguística, conduzi-los numa tomada de consciência cada vez maior do funcionamento da língua - numa palavra, quando se propõe “ensinar-lhes gramática”.

Com esta afirmação procuramos apontar para um conceito de gramática que não se esgota na gramática frástica, assunto do presente caderno. Habitualmente a expressão “ensino da gramática” (e o conteúdo teórico-



prático que recobre) é tomada num sentido muito limitado baseado numa noção restrita de gramática (= gramática do código estudada em unidades que não vão além da frase), que urge superar à luz dos novos caminhos da teoria linguística. Torna-se indispensável fazer chegar à pedagogia um reflexo do alargamento do objeto de estudo da Linguística, alargamento esse que se configura quer num sentido horizontal – que aponta para o estudo de unidades superiores à frase, de que se ocupa a linguística do texto – quer num sentido vertical – que aponta para dimensões do fenómeno linguístico recentemente trazidas à luz por disciplinas como a análise do discurso, a pragmática linguística, a teoria da enunciação, a sociolinguística ... o reflexo desse alargamento conduz a uma noção de gramática do texto que, na sua exploração pedagógica, se orienta para uma ainda mais alargada gramática da comunicação, do funcionamento dos discursos<sup>3</sup>.

Representa este caderno quádruplo uma primeira contribuição de elementos da Secção Regional do Norte da APP (mais concretamente, do Centro de Linguística do Porto, onde desde já há alguns anos vimos trabalhando em ligação com os professores de Português dos vários graus de ensino). Esperamos que este pequeno contributo possa estimular outros colegas das várias regiões do país a enfileirar connosco na publicação, nos Cadernos da APP, de trabalhos originais, continuando a fazer destes Cadernos o que nos parece importante que sejam: um lugar de encontro de diversas tentativas (mais ou menos acabadas, mais ou menos conseguidas) de todos os que, no nosso país, se preocupam com os problemas do ensino da língua materna.

Porto, janeiro /80

## Posfácio

A escolha do artigo de Fernanda Irene Fonseca, para iniciar a secção “Reviver o passado nas Palavras”, justifica-se pelo facto de ter sido um texto inaugural das publicações da APP, onde a autora valorizava já uma abordagem articulada das três disciplinas de base do ensino do Português: a linguística, a literatura e a didáctica.

Um leitor que consulte as fontes da publicação deste artigo sente-se intrigado. Encontra-o num caderno sem capa, com a indicação CAD. n.º 1 manuscrita no cabeçalho da primeira de cinco páginas, numeradas de I a V, a que se segue um segundo artigo, “Modelos sintácticos e seu aproveitamento pedagógico no ensino da língua materna”, de Ana Maria Brito e Inês Silva Duarte, com quarenta e sete páginas, numeradas de 1 a 47, e pode pressupor que talvez estes dois artigos tenham sido reunidos numa pré-publicação do número I dos Cadernos da APP. Contudo, a informação, no último parágrafo do texto, e a consulta dos primeiros Cadernos da APP provam que não foi isso que aconteceu. Os números I e II encontram-se num N.º extra, datado de janeiro de 1980, com o título O oral e o escrito, que é apresentado na Introdução como uma reimpressão dos textos dos cadernos I e II, na sequência de seis cadernos já publicados, encontrando-se a publicação definitiva destes dois artigos, o de Fernanda I. Fonseca e o de Ana M. Brito e Inês S. Duarte, no número quádruplo 7, 8, 9 e 10 (nov. 79 – fev. 80) dos Cadernos.

Na capa só ficou registado o título “Modelos sintácticos e seu aproveitamento pedagógico no ensino da língua materna”, com os nomes das duas autoras, e o índice, na página 45, foi construído exclusivamente para esse artigo, como se este número dos Cadernos só a ele dissesse respeito, o que é contrariado pela Errata, que abrange os dois artigos.

Pela observação da 1.<sup>a</sup> entrada da Errata, que diz respeito ao título do 1.º artigo, Fernanda I. Fonseca terá hesitado entre “do português” e “da gramática”, optando pela segunda designação. Na verdade, trata-se, sobretudo, de um artigo de reflexão sobre o ensino da gramática, sobre o risco de erros pedagógicos, quando se fazem aplicações diretas das teorias, e científicos, quando se opta por simplificações abusivas. A autora

---

<sup>3</sup> Procuraremos focar este tema num próximo caderno cujo título será “Texto, discurso, variação”.

chama a atenção para o facto de as teorias linguísticas privilegiarem apenas certos aspetos da língua, enquanto o ensino precisa de uma abordagem equilibrada dos diferentes aspetos, e expressa igualmente algumas preocupações sobre os perigos de uma visão restrita à gramática da frase e a consequente necessidade de inclusão da gramática do texto<sup>4</sup> no ensino da língua.

À data da publicação deste artigo era presidente da direção da APP a professora Maria Helena Mira Mateus, que fundara a associação em dezembro de 1977, e integravam os seus órgãos sociais as professoras Fernanda I. Fonseca e Inês S. Duarte. Todas valorizavam fortemente a função social das Faculdades de Letras, na intervenção científica e pedagógica na formação de professores e encontramos nos seus textos um trabalho atento à didática da língua.

Os dois artigos do número quádruplo dos Cadernos e os textos que Fernanda I. Fonseca e Inês Duarte publicaram em 1986, no n.º 9 da revista *Palavras*<sup>5</sup>, refletem uma profunda preocupação das autoras com o ensino do português, enquanto língua materna, tendo em conta a aparelhagem teórica e prática que a linguística e a pedagogia, no caso de Inês Duarte, a linguística, a literatura e a pedagogia, no caso de Fernanda I. Fonseca, possibilitam aos atores do currículo de Português dos ensinos básico e secundário, em termos de ensino e aprendizagem. Porém, são textos com vozes e razões científicas e pedagógicas que se cruzam sem diretamente dialogar.

Quando a ciência floresce e se desenvolve com a valorização dos artigos científicos escritos por vários autores, é sempre de aplaudir que os académicos, os investigadores, os especialistas em linguística e em literatura, atentos à pedagogia e à didática, que defendem o ensino da gramática com frases e com textos, produzem conhecimento, a várias vozes, numa estratégia articulada e interdisciplinar, com foco nos estudos linguísticos, nos estudos literários e na pedagogia e didática, as secções em que a revista *Palavras* se continua a organizar.

Talvez que o lapso na capa do número quádruplo 7, 8, 9 e 10 dos Cadernos, que terá originado a informação incompleta, permita ao leitor intrigado pensar que é preciso estar vigilante para que, na intervenção científica e pedagógica, nunca fiquem ofuscados o princípio da gentileza e o espírito lúdico, tão necessários à vivência de uma cidadania cooperante e crítica, investigativa e criativa nas escolas de qualquer nível de ensino. A professora Fernanda I. Fonseca tem procurado, ao longo dos anos, propiciar-nos, pela sua escrita e pelo seu modo de ser, exemplos dessa vivência.

Filomena Viegas

---

<sup>4</sup> Em 1986, no artigo “Competência narrativa e ensino da língua materna”, (*Palavras*, n.9. APP, p.7), Fernanda I. Fonseca defenderá a urgência da superação do conceito restrito de “ensino da gramática” da frase, tomada como unidade descontextualizada, e a necessidade de se considerar uma gramática do texto. O reforço desta urgência estará presente em vários dos seus textos posteriores, de que se destaca, já em 2000, “Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura”, in Carlos Reis et al (orgs.), *Didáctica da língua e da literatura*, vol. I. Coimbra: Almedina / ILLP Faculdade de Letras: 37-45.

No mesmo número da revista *Palavras*, Inês Duarte comentará, em nota de rodapé ao seu artigo “O ensino da gramática: do imobilismo às modas”, que a designação “gramática do texto” é questionável. (*Palavras*, n.9. APP, p.39).

<sup>5</sup> O artigo “Texto, discurso, variação”, referido na nota 3, não chegou a ser publicado nos cadernos da APP nem na revista *Palavras*.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DO PORTUGUÊS

Depois de uma fase em que foi relegado para segundo plano, volta a estar na ordem do dia o problema do ensino da gramática. É este, sem dúvida, o âmbito em que mais se faz sentir o reflexo da crescente sensibilização dos professores à Linguística, e daí a nossa obrigação de intervir, como linguistas. Cumpre no entanto afirmar que, desde o início, a nossa convicção de que o contributo da Linguística para o ensino da língua materna transcende em muito esse âmbito restrito a que há tendência a limitá-lo. Há outros aspectos a considerar nesse contributo que reputamos muito mais fundamentais e para que já chamámos à atenção noutros momentos.

(1) Isso não significa, no entanto, negar a importância do ensino da gramática e a necessidade de dar apoio aos colegas que se deparam com dificuldades, contradições e querelas quando pretendem relançá-lo sobre formas mais actuais e válidas. Foi a consciência desta necessidade que nos moveu (juntamente com outros colegas do Centro de Linguística do Porto) à organização deste (e de outros próximos) cadernos da APP. Não pretendemos, ao fazê-lo, resolver todos os problemas que o ensino da gramática levanta. Nem isso estaria ao nosso alcance. Tentaremos apenas lançar alguns tópicos de reflexão e contribuir para desfazer certas "ideias feitas" (e outras, igualmente erradas, que ameaçam começar a estabelecer-se) sobre o ensino da gramática.

Dentro deste âmbito de intervenção procura o presente trabalho perspectivar algumas possibilidades de aproveitamento pedagógico de modelos sintácticos ultimamente muito (e por vezes muito mal) utilizados no ensino da gramática.

(1) Cf., nomeadamente, Pragmática Linguística de Ensino do Português, Coimbra, Almedina, 1977.

Para além da informação que fornece aos professores sobre aspectos básicos do modelo distribucionalista e, de alguns modelos transformacionais, cremos ser importante sublinhar, como um dos pontos mais positivos do contributo das autoras deste trabalho, o tornar patente que aquilo que presentemente se rotula, na aplicação à didáctica, como Gramática Gerativo-Transformacional (GGT) tem muito pouco a ver com a GGT, limitando-se a ser uma mistura atabalhoada de vários modelos (de cuja individualidade e complementaridade não se tem consciência) sob a égide de certos procedimentos gráficos que se tomam, por si, só como parte essencial e identificadora da GGT.

Só um conhecimento correcto - ainda que não necessariamente muito aprofundado - dos vários modelos na sua individualidade poderá levar a um reconhecimento da especificidade e complexidade de cada um deles, o que por sua vez será condição de uma aplicação correcta quer sob o ponto de vista científico quer sob o ponto de vista pedagógico. Uma aplicação que não incorra no erro pedagógico de transpor para a aula de Português as teorias linguísticas tal e qual, nem tão pouco no erro científico de as simplificar abusivamente, reduzindo-as a aspectos superficiais, deturpando-as e desrespeitando totalmente a sua coerência interna.

Sem uma consciência destes problemas, todo o esforço (tão importante e positivo) de renovação do ensino da gramática acaba por esgotar-se numa superficial mudança de terminologias acompanhada de uma vazia e inútil "querela dos antigos e dos modernos". Tanto mais vazia e inútil quanto é certo que não se baseia sequer numa consciência clara daquilo que se defende e daquilo que se recusa: defende-se como "moderna" uma visão heterogênea, superficial, deturpada e incompleta de franjas dos modelos mais recentes, opondo-a ao que se costuma chamar "modelo tradicional" que tão pouco pode ser visto como um todo homogêneo, já que representa um resultado

Para além da informação que fornece aos professores sobre aspectos básicos do modelo distribucionalista e, de alguns modelos transformacionais, cremos ser importante sublinhar, como um dos pontos mais positivos do contributo das autoras deste trabalho, o tornar patente que aquilo que presentemente se rotula, na aplicação à didáctica, como Gramática Gerativo-Transformacional (GGT) tem muito pouco a ver com a GGT, limitando-se a ser uma mistura atabalhoada de vários modelos (de cuja individualidade e complementaridade não se tem consciência) sob a égide de certos procedimentos gráficos que se tomam, por si, só como parte essencial e identificadora da GGT.

Só um conhecimento correcto - ainda que não necessariamente muito aprofundado - dos vários modelos na sua individualidade poderá levar a um reconhecimento da especificidade e complexidade de cada um deles, o que por sua vez será condição de uma aplicação correcta quer sob o ponto de vista científico quer sob o ponto de vista pedagógico. Uma aplicação que não incorra no erro pedagógico de transpor para a aula de Português as teorias linguísticas tal e qual, nem tão pouco no erro científico de as simplificar abusivamente, reduzindo-as a aspectos superficiais, deturpando-as e desrespeitando totalmente a sua coerência interna.

Sem uma consciência destes problemas, todo o esforço (tão importante e positivo) de renovação do ensino da gramática acaba por esgotar-se numa superficial mudança de terminologias acompanhada de uma vazia e inútil "querela dos antigos e dos modernos". Tanto mais vazia e inútil quanto é certo que não se baseia sequer numa consciência clara daquilo que se defende e daquilo que se recusa: defende-se como "moderna" uma visão heterogênea, superficial, deturpada e incompleta de franjas dos modelos mais recentes, opondo-a ao que se costuma chamar "modelo tradicional" que tão pouco pode ser visto como um todo homogêneo, já que representa um resultado

É facto sobejamente sabido que uma teoria privilegia sempre, para validar as suas hipóteses, os aspectos do funcionamento de uma língua que melhor se prestam à sua aplicação; daí que encontremos sistematicamente, em cada teoria, alguns factos muito aprofundados e outros deixados deliberadamente na sombra. Ora em pedagogia é imperioso um tratamento equilibrado dos vários aspectos da língua o que exclui, a priori, quer o aprofundamento unilateral de uns, quer o abandono puro e simples de outros. Compete ao professor (e, antes dele, aos autores dos programas) enquadrar o tratamento dos vários factos linguísticos na teoria que mais cabalmente (ou de forma mais adequada ao nível em questão) os explica. E aqui voltamos ao princípio: essa atitude implica que seja preciso conhecer os vários modelos que a teoria linguística propõe, para poder ir buscar a cada um deles o que apareça como mais relevante e mais útil; conhecê-los para os poder combinar sem os confundir; conhecê-los não com a intenção de adquirir um saber especializado ou erudito mas antes com o intuito de constituir para si próprio uma bagagem de reflexão. É a capacidade de reflexão sobre a linguagem (capacidade que pressupõe, para se exercer, a aquisição de um instrumental teórico) o que se nos afigura essencial como base da actuação do professor de língua materna, mormente quando deseja inciar os alunos numa actividade metalinguística, conduzi-los numa tomada de consciência cada vez maior do funcionamento da língua - numa palavra, quando se propõe "ensinar-lhes gramática".

Com esta afirmação procuramos apontar para um conceito de gramática que não se esgota na gramática frástica, assunto do presente caderno. Habitualmente a expressão "ensino da gramática" (e o conteúdo teórico-prático que recobre) é tomada num sentido muito limitado baseado numa noção restrita de gramática (= gramática do código estudada em unidades que não vão além da frase), que urge superar à luz dos novos caminhos da teoria linguística. Torna-se indispensável fazer chegar à pedagogia um reflexo do

gamento do objecto de estudo da Linguística, alargamento esse que se configura quer num sentido horizontal - que aponta para o estudo de unidades superiores à frase, de que se ocupa a linguística de texto - quer num sentido vertical - que aponta para dimensões do fenómeno linguístico recentemente trazidas à luz por disciplinas como a análise do discurso pragmática linguística, a teoria da enunciação, a sociolinguística ... o reflexo desse alargamento conduz a uma noção de gramática concebida não apenas como uma gramática da frase mas igualmente como uma gramática do texto que, na sua exploração pedagógica, se orienta para uma ainda mais alargada gramática da comunicação, do funcionamento dos discursos. (2)

Representa este caderno quádruplo uma primeira contribuição de elementos da Secção Regional do Norte da APP (mais concretamente, do Centro de Linguística do Porto, onde desde já há alguns anos vimos trabalhando em ligação com os professores de Português dos vários graus de ensino). Esperamos que este pequeno contributo possa estimular outros colegas das várias regiões do País a enfileirar connosco na publicação, nos Cadernos da APP, de trabalhos originais, continuando a fazer destes Cadernos o que nos parece importante que sejam: um lugar de encontro das diversas tentativas (mais ou menos acabadas, mais ou menos conseguidas) de todos os que, no nosso País, se preocupam com os problemas do ensino da língua materna.

Porto, Janeiro/80

Fernanda Irene Fonseca

+ (2) Procuraremos focar este tema num próximo caderno cujo título será " Texto, discurso, variação ".